

A Produção do Conhecimento Geográfico

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-78-9

DOI 10.22533/at.ed.789181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *“Abordagens teórico-metodológicas no âmbito da Ciência Geográfica Agrária”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu I volume, apresenta, em seus 15 capítulos, são discutidas diferentes vertentes das Ciências Agrárias, com ênfase na Geografia Agrária.

A Geografia Agrária engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento da agricultura, bem como o aumento produtivo e melhorias no manejo e preservação dos recursos naturais.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia Agrária, refere-se a um a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia Agrária, apresenta artigos alinhados com a produção agrícola, conservacionismo, tecnologia, turismo rural, cultura e relações de gênero no campo. A importância dos estudos agrários é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços rurais, bem como entender as distintas relações do campo com o capital.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NOVAS TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA PANDINA BOLIVIANA: A PAN – AMAZÔNIA EM CONFLITO	
<i>Francisco Marquelino Santana</i> <i>Josué da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 2	16
REFORMA AGRÁRIA, ASSENTAMENTOS RURAIS E PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO NO LITORAL SUL DA BAHIA	
<i>Hingryd Inácio de Freitas</i> <i>José Levi Furtado Sampaio</i> <i>Guiomar Inez Germani</i>	
CAPÍTULO 3	26
AGRICULTURA E ECONOMIA ESPACIAL EM MOSSORÓ/RN: DINÂMICAS E ESPECIFICIDADE REGIONAL.	
<i>Alexandre Alves de Andrade</i>	
CAPÍTULO 4	36
CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO	
<i>Rosinaldo Barbosa da Silva</i> <i>Nelba Azevedo Penna</i>	
CAPÍTULO 5	46
GEOGRAFIA DA AGROINDÚSTRIA DE SOJA ARGENTINA E OS IMPOSTOS ÀS SUAS EXPORTAÇÕES.	
<i>Pablo Martin Bender.</i>	
CAPÍTULO 6	58
O SISTEMA DE INDICADORES DE POTENCIALIDADE COMO MODELO DE ANÁLISE DAS (RE) CONFIGURAÇÕES TERRITORIAIS DA PRODUÇÃO ORGÂNICA NO AGRESTE CENTRAL DE SERGIPE	
<i>Clêane Oliveira dos Santos</i> <i>Rosemeri Melo e Souza</i>	
CAPÍTULO 7	72
AS PAISAGENS VITÍCOLAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS E DA CAMPANHA GAÚCHA	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	
CAPÍTULO 8	84
OS TERRITÓRIOS DO VINHO DA CAMPANHA GAÚCHA E DO VALE DOS VINHEDOS, BRASIL: ENTRE O TRADICIONAL E OS MODERNOS VINHEDOS	
<i>Vinício Luís Pierozan</i> <i>Vanessa Manfio</i>	

CAPÍTULO 9	98
SABOR ARTESANAL: O TURISMO CERVEJEIRO COMO FENÔMENO ESPACIAL EM RIBEIRÃO PRETO - SP	
<i>Alex Rodrigues De Oliveira</i>	
CAPÍTULO 10	107
CONSIDERAÇÕES SOBRE A TECNOLOGIA DAS EMBALAGENS CARTONADAS NA CADEIA PRODUTIVA DE LEITE NO BRASIL: DO LOCAL AO GLOBAL	
<i>Bruno M. C. de Albuquerque</i> <i>Jacob Binsztock</i>	
CAPÍTULO 11	123
O SETOR DE SEMENTES NO BRASIL E SUA CONTRIBUIÇÃO NA MODERNIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS RURAIS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX	
<i>João Luciano Bandeira</i>	
CAPÍTULO 12	133
DESAFIOS PARA A CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES CRIOULAS	
<i>Maria Angela Comegna</i>	
CAPÍTULO 13	143
CAFEICULTURA EM RONDÔNIA: MODERNIZAÇÃO E SUBORDINAÇÃO AO MERCADO	
<i>Tiago Roberto Silva Santos</i> <i>Ricardo Gilson Da Costa Silva</i>	
CAPÍTULO 14	153
A AGRICULTURA DE PRECISÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	
<i>Tainara Bruna Montagna</i> <i>Roseli Alves dos Santos</i>	
CAPÍTULO 15	162
AS MULHERES E A AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DA LOCALIDADE DE PICADA FELIZ, NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL – RS	
<i>Caroline Tapia Bueno</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	172

CENTRO E CENTRALIDADE URBANA EM VÁRZEA GRANDE/MT NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA DE MATO GROSSO¹

Rosinaldo Barbosa da Silva

Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília. E-mail de contato: rosinaldo519@gmail.com. Bolsista pela Fundação de Amparo a Pesquisa de Mato Grosso, FAPEMAT.

Nelba Azevedo Penna

Docente do programa de pós-graduação da Universidade de Brasília. E-mail de contato: nelba@unb.br
Porto Alegre

RESUMO: A reestruturação de centros e centralidades urbanas se coloca como produto da reestruturação produtiva capitalista, decorrentes das crises econômicas. Promovendo investimentos em capital fixo (maquinários, aeroportos etc.) para “reestabelecer” o ciclo do capital: produção-circulação-troca-consumo MARX (2011). Processo que requer a concentração dos meios de produção e pode formar centros urbanos com prevalência do valor de troca. O centro se torna o lugar de concentração da riqueza social, do poder político, econômico e dos meios de produção, tudo isso faz que ele seja um meio para a reprodução do capital e produto desse processo (LEFEBVRE, 2008). Transformando campo e cidade, mediadas pela produção local-

global, ações do Estado e da iniciativa privada alterando a centralidade da vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Centro; Centralidade, reestruturação.

ABSTRACT: The restructuring of urban centers and centralities is a product of capitalist productive restructuring resulting from economic crises. Promoting investments in fixed capital (machinery, airports, etc.) to “re-establish” the cycle of capital: production-circulation-exchange-consumption MARX (2011). Process that requires concentration of the means of production and can form urban centers with exchange value prevalence. The center becomes the place of concentration of social wealth, political power, economic power and the means of production, all of which makes it a medium for the reproduction of the capital and product of this process (LEFEBVRE, 2008). Transforming the countryside and the city, mediated by local-global production, state actions and private initiative changing the centrality of social life.

KEY-WORDS: First word; Second word; third Word

¹ Este artigo foi publicado anteriormente pela Associação Nacional de Pós-graduação em Geografia A ANPEGE (ENANPEGE, 2017)

1 | INTRODUÇÃO

Para compreensão da produção de centro e centralidades urbanas definimos os principais conceitos assumidos neste artigo. **A reestruturação produtiva** é um processo de “reprodução das relações sociais de produção” (LEFEBVRE, 1973, p. 97) desencadeada pelas crises no interior do ciclo do capital. Abarca a reprodução dos meios de produção no âmbito da fábrica (mudanças tecnológicas, organização do trabalho, máquinas, insumos e matérias-primas) e a reprodução das relações sociais amplas, do trabalhador, da sociedade como um todo, envolvendo todas as esferas da vida social através do *consumo* de mercadorias, alimentando o ciclo produtivo produção-circulação-troca-consumo. Este possibilita a rotação do ciclo do capital, processo que produz transformações no campo, na cidade e nos centros urbanos.

A definição de **centro** nos remete à ideia de concentração, junção, reunião de algo. Remete-nos à ideia de centro da cidade, lugar de concentração de coisas, objetos e de pessoas (LEFEBVRE 2000). A formação de centro realiza-se pela concentração de capitais fixos (portos, aeroporto, instituições financeiras, dentre outros) transformando o centro como lugar de concentração de riqueza, do poder político e econômico. A **centralidade** urbana é produzida socialmente, definida pelo valor de uso, sociabilidade, encontro, a reunião e a apropriação social do espaço, do centro urbano (LEFEBVRE, 2000), mas a centralidade contemporânea revela o econômico (valor de troca) diminuindo o valor de uso social.

Investigamos a produção de centro e centralidades urbanas a partir da construção do primeiro PQT do estado, que visa atender a qualificação da demanda por mão de obra e desenvolver a ciência e a tecnologia para favorecer os setores econômicos de Mato Grosso, dentre eles o setor da agropecuária. Temos como **objetivo** investigar esse processo, como produto da reestruturação produtiva, consequente da “modernização agrícola”. A **metodologia** é composta por pesquisa bibliográfica e documental (“Plano MT+ 20” e “Agenda Estratégica de Ciência e Tecnologia e Inovação do Estado de Mato Grosso”). Como resultado, constatamos que o PQT/MT irá fornecer serviços no âmbito da Ciência, Tecnologia e Inovação CT&I, sendo a agropecuária um dos beneficiários transformando a produção de centro e centralidades urbanas.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 Fase 1 – 1700 até 1930 - mineração e formação de núcleos urbanos

Nesta primeira fase, o estado de Mato Grosso destaca-se a mineração voltada à exportação, sendo a primeira atividade produtiva a contribuir para “interiorização” do estado. A mineração está diretamente relacionada à fundação de Cuiabá, fundamental para produção do território mato-grossense. A atuação das bandeiras de Moreira Cabral decorrente da busca de ampliação territorial da Coroa Portuguesa contribuiu

para exploração mineral, que teve início nas localidades do Coxipó do Ouro e Prainha atraindo pessoas de outros estados do País, que chegavam predominantemente pelas vias fluviais (VILARINHO-NETO, 2002).

Durante a fase de exploração mineral foram criadas as primeiras cidades do estado de Mato Grosso (ver figura nº 01), tal como: Cuiabá (1726), Vila Bela da Santíssima Trindade (1746), Diamantino (1818), Poconé (1831), Nossa Senhora do Livramento (1883), Rosário Oeste (1915), estabelecendo os principais núcleos urbanos na região Centro-Sul do estado, com exceção de Vila Bela da Santíssima Trindade, localizada ao Sudoeste de Mato Grosso. Visto que ela foi a primeira capital de Mato Grosso (1752 a 1820), localizada para garantir a expansão e preservação do território fronteiriço, pois a área ocupada pela coroa portuguesa estava para além da linha do Tratado de Tordesilhas (1494) (LACERDA, 2012).

Aliado à exploração mineral e a fixação dos trabalhadores foi se desenvolvendo a agricultura com cultivo de mandioca, verduras, arroz, feijão, dentre outros. Posteriormente nos arredores da atual cidade de Cuiabá foi se estabelecendo a produção de cana-de-açúcar tendo base o trabalho escravo de índios e negros, nesse mesmo processo dava se início a atividade pecuária. Com a decadência da exploração do ouro no estado no século XIX, inicia-se a exploração do diamante se estendendo até o século XX, contribuindo para o desenvolvimento de pequenos povoados ou núcleos urbanos (Poxoréo, Barra do Garças, Alto Araguaia, dentre outros). Com o declínio da exploração mineral, a produção agrícola e pecuária foi fortalecida (VILARINHO-NETO, 2002).

2.2 Fase 2 de 1931 a 1970 – integração nacional e a agropecuária

O crescimento econômico, social e populacional em Mato Grosso era lento até 1930. Entretanto uma nova fase econômica pode ser constatada em decorrência das políticas de industrialização nacional. Nesse período a ação do interventor Júlio Müller na instalação de infraestruturas e incentivo para atração de indústrias conferiu certo dinamismo, destacando em Mato Grosso o fornecimento de matéria-prima para a região Sudeste do país (VILARINHO-NETO, 2002). Na escala Nacional, diversas políticas migratórias, de colonização, de incentivos fiscais, bem como a criação de instituições bancárias (ex: Banco de crédito da Amazônia - 1950) contribuíram para o “avanço da fronteira agrícola” para as áreas do Cerrado e da Amazônia, além do “Plano de Metas” (infraestrutura e construção de Brasília) e das ações de “integração nacional” durante a Ditadura Militar visando à ocupação da Amazônia e do Centro-Oeste, sendo o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND I) - 1972 até 1974 e o PND II (1975-1979) os mais significativos o crescimento de Mato Grosso, principalmente para a ampliação da produção pecuária e mineração nas décadas de 1960 e 1970 em Mato Grosso (COSTA, 2000).

Como produto do processo de interiorização do território brasileiro, foram criados

29 municípios em Mato Grosso entre o ano de 1931 a 1970, tendo a agricultura e pecuária como base econômica. A maioria dessas cidades se localiza próximas à Cuiabá, ou seja, na porção sudeste e sudoeste do estado de Mato Grosso (ver figura 01). Várias delas tem hoje grande importância econômica regional, tais como: Cáceres (1938), Barra do Garças (1943), Várzea Grande (1948), Chapada dos Guimarães (1953), Rondonópolis (1953), Tangará da Serra (1969). Dos anos 50 aos anos 80 Mato Grosso conheceu um crescimento populacional contínuo, acelerando-o nas décadas de 70 e 80 e se “estabilizando” na década 90. A partir dos anos 70 Mato Grosso se transformou no grande celeiro agropecuário do País (VILARINHO-NETO, 2002).

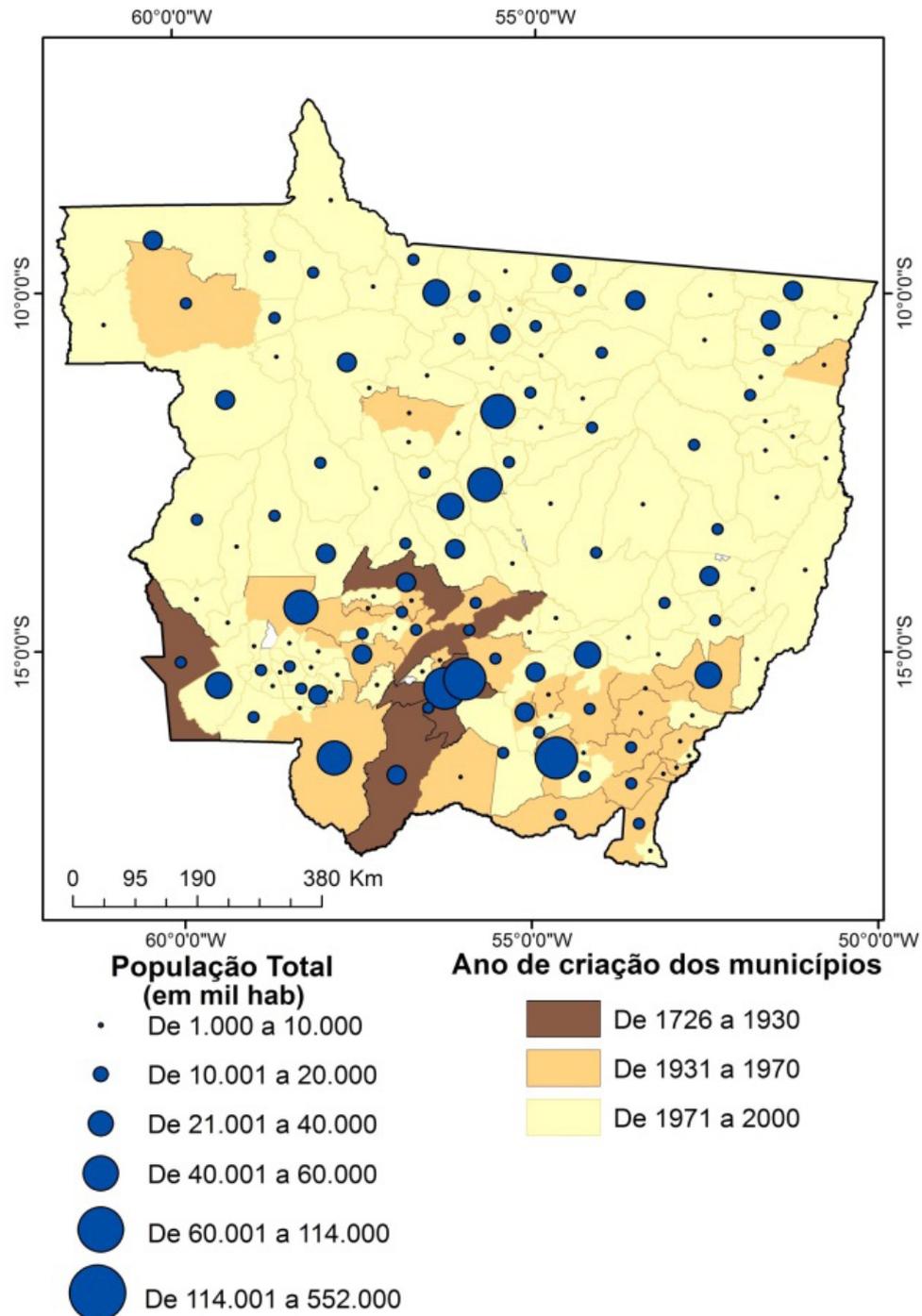


Figura 01: Mapa Ano de criação de municípios e população de Mato Grosso
Base: SEPLAN, 2007. Dados: IBGE, 2010. AMM, 2015. Elaboração: SILVA, R. B. 2015.

2.3 Fase 3 de 1971 a 1990 – espacialização produtiva

Os PND's foram fundamentais para a modernização da Agricultura em Mato Grosso, trazendo novas dinâmicas produtivas para o estado, por meio da Agroindústria moderna, colaborando para a configuração da “Região do complexo agroindustrial” na região Centro-Oeste e para o processo de desconcentração industrial da região sudeste do país para outras regiões (MOREIRA, 2012),

A reestruturação produtiva pelos programas estatais transformou a agropecuária extensiva (familiar, rudimentar, com grande uso de mão de obra e baixa produtividade) para agropecuária intensiva (tecnificada, alta produtividade, uso da ciência, tecnologia possibilitada avanço do meio técnico-científico-informacional) (ELIAS, PEQUENO, 2012). Aliado a transformação produtiva da agropecuária, no período de 1971 a 2000 foram criados 106 municípios no estado de Mato Grosso, a maior parte deles localizados nas regiões norte e nordeste do estado ([figura 01](#)), esse processo mostra a derrubada de parte da floresta amazônica, inserindo novas atividades nessas regiões. Dentre os municípios elencamos: Sinop (1979), Sorriso (1986), Campo Novo do Parecis (1988), Campo Verde (1988), Lucas do Rio Verde (1988), Nova Mutum (1988), que se destacam principalmente através das atividades decorrente do Agronegócio, são esses municípios que possuem população entre 27.000 mil a 46.000 mil habitantes.

2.4 A centralização urbana como produto das relações sociais determinadas: a escala local

A centralidade de Várzea Grande compreendida no aglomerado urbano Cuiabá/Várzea Grande revela-se como produto das ações do estado para a ocupação do Cerrado e da Amazônia. Nesse processo percebe-se o aumento populacional nas cidades de Cuiabá e Várzea Grande (tabela 1), que pode ser correlacionado com as fases de crescimento econômico de Mato Grosso. Durante a fase 1 (1700-1930), verifica-se que não havia contagem populacional da cidade de Várzea Grande, sendo que em Cuiabá havia pouco mais de trinta mil habitantes em 1920. Já no decorrer da fase 2 (1931-1970), houve um salto populacional, em Várzea Grande, de pouco mais que 5 mil (em 1950) para 18.146 mil habitantes em 1970 e em Cuiabá, nesse mesmo período, os indicadores sobem de 56.204 mil para 100.865 mil habitantes. Durante a fase 3 (1971-1990), existiu a continuidade do aumento populacional, em Várzea Grande houve um salto populacional de 18.146 mil para 161.958 mil hab. já em Cuiabá 100.865 mil para 402.813 hab. totalizando mais de 560 mil moradores no aglomerado urbano Cuiabá/Várzea Grande em 1990 e mais de 800 mil hab. em 2010.

ANO	Cuiabá		Várzea Grande		Aglomerado Urbano	
	População	I % a.a.	População	I % a.a.	População	I % a.a.
1872	35.987	---	---	---	35.987	---
1890	17.815	-3,83	---	---	17.815	-3,83
1900	34.393	6,80	---	---	34.393	6,80
1920	33.678	-0,10	---	---	33.678	-0,10
1940	54.394	2,43	---	---	54.394	2,43
1950	56.204	0,33	5.503	---	61.707	1,27
1960	57.860	0,29	11.044	7,21	68.904	1,11
1970	100.865	5,71	18.146	5,09	119.011	5,62
1980	212.984	7,76	76.676	15,50	289.660	9,30
1990	380.140	5,96	151.314	7,03	531.454	6,23
1991	402.813	5,96	161.958	7,03	564.771	6,23
2000	483.346	2,04	215.298	3,21	698.644	2,39
2010	551.530	1,33	252.709	1,61	804.239	1,42

Tabela 1 – População Residente no Aglomerado Urbano Cuiabá – Várzea Grande

Fonte: Várzea Grande, 2013. IBGE (2014): <http://www.ibge.gov.br>. Org. SILVA, R.B 2015.

O aglomerado urbano Cuiabá/Várzea Grande, se transformou em “centro de serviços especializados, financeiro e industrial” (ROMANCINI, 2009, p. 54) e se coloca como espaço concentrado de infraestrutura, informação e serviços imprescindíveis para a manutenção e expansão das atividades econômicas, em especial do setor do agronegócio. Desempenha funções agro-industrial, concentrando importantes parcelas da capacidade de armazenamento e processamento.

Sendo assim, Várzea Grande (figura 02) tem sua dinâmica alterada dentro desse contexto do aglomerado urbano. Pois, identificamos a tendência de formação de uma nova centralidade na cidade, onde se instala o Parque Tecnológico, campus da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e o Instituto Federal de Mato Grosso IFMT (estes dois últimos com construção predial em andamento e o primeiro em fase de projetos e licitação de estudos), a fim de atender a “demanda” principalmente de mão de obra especialidade dos setores produtivos, em especial do Agronegócio. Condicionando, dessa forma a formação de novas áreas de valorização imobiliária e realocação de periferias, estabelecidas por estreitas relações público-privada.

Como norteador para as ações na esfera estadual foi elaborado no ano de 2005 o Plano de Longo Prazo de Mato Grosso (PLP/MT), passando por uma revisão e reelaboração em 2011, sendo publicado em 2012. Conhecido como MT+20, o plano traça estratégias para o desenvolvimento social e econômico de Mato Grosso a ser desenvolvido em vinte anos (2006-2026). Destacaremos nesta pesquisa, especificamente, as intenções do Governo estadual com relação ao desenvolvimento econômico (Eixo 2 e 5), buscando a correlação entre esse processo a questão produção de centros e centralidades em Várzea Grande.

A instalação do Parque Tecnológico faz parte do planejamento do governo estadual, a sua localização será próximo aos futuros campus da UFMT e IFMT,

onde funcionarão os cursos técnicos e de engenharias, como prevê o “Plano de Desenvolvimento de Mato Grosso – MT+20”, a fim de facilitar o intercâmbio entre Ensino, Pesquisa e Mercado. A instalação desses três empreendimentos contaram com a “doação” de terras pela Incorporadora Ductievicz, a fim de valorizar as suas terras no entorno destes empreendimentos, através da urbanização que já está ocorrendo (SILVA, 2015).

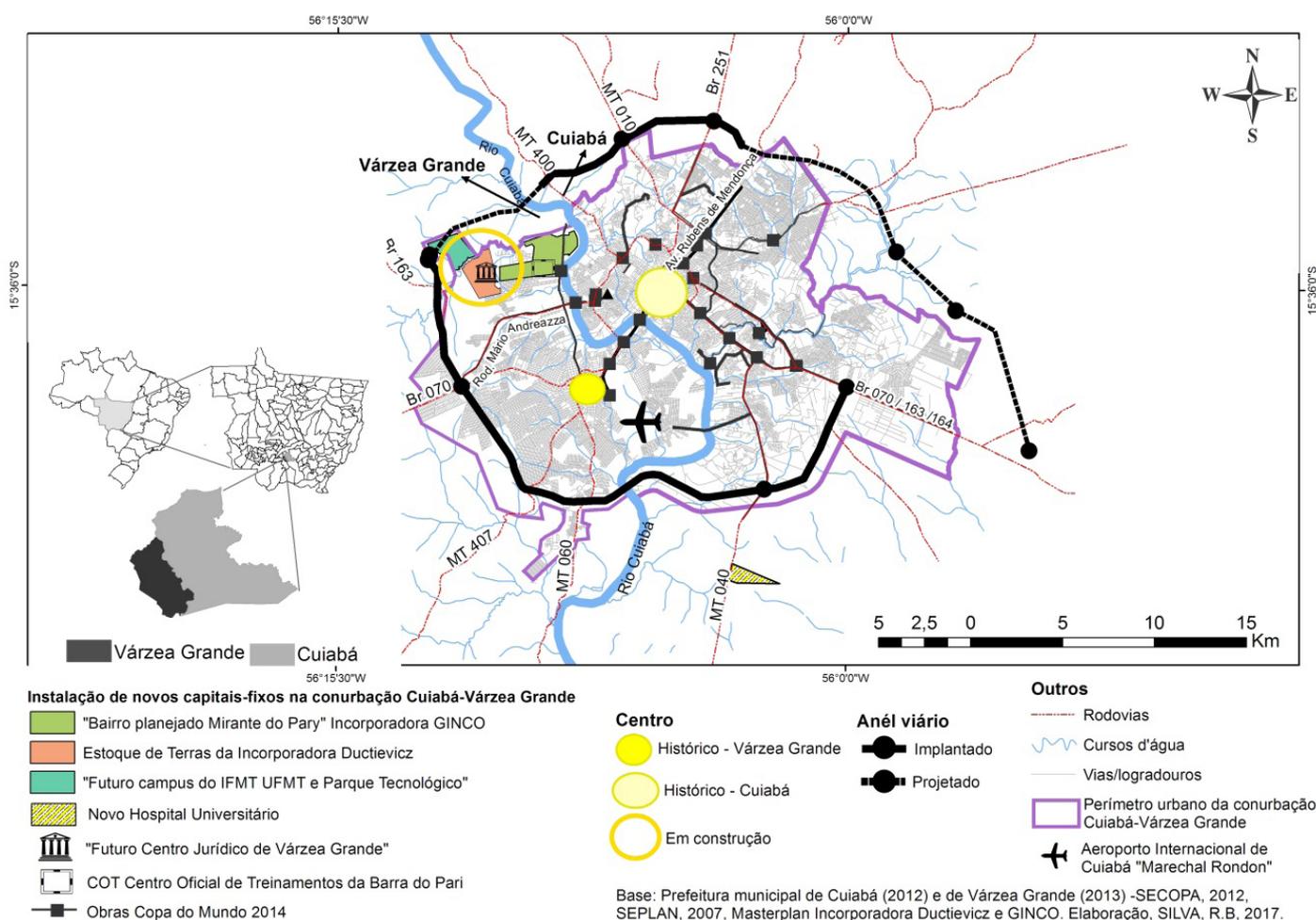


Figura 02: Mapa Instalação de capitais-fixos na conurbação Cuiabá-Várzea Grande
 Fonte: Prefeitura de Cuiabá (2012), Prefeitura de Várzea Grande (2013). Elaboração Silva, R, B, 2017.

A questão da estrutura produtiva do estado de Mato Grosso e a busca pela competitividade no cenário mundial traz para o centro do debate o fortalecimento econômico ligado ao desenvolvimento científico, especialização da mão de obra e infraestrutura. Visto que o índice de competitividade Estadual (ICE-Fatores) mostra uma situação desfavorável de Mato Grosso no quesito qualificação da força de trabalho, conhecimento/informação e infraestrutura, comparados aos demais estados da região Centro-Oeste, segundo dados do Movimento Brasil Competitivo - MBC de 2006 (MATO GROSSO, 2012b, p. 25).

A busca pelo desenvolvimento científico se coloca então, como fundamental para aumento da produtividade e competitividade. Essa questão está colocada no Plano MT+20, no Eixo 2 – “Educação, conhecimento e inovação”, e no item 5 “Ampliação e

consolidação de pesquisas, desenvolvimento e difusão de tecnologias”, com objetivo de ampliação da gestão do sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação, com investimento e intercâmbio entre Estado e instituições de C, T & I (MATO GROSSO, 2012a, Macro-objetivos, p. 62, 63).

Há um consenso no plano estratégico, que a economia de Mato Grosso tem demonstrado elevada competitividade no setor do agronegócio, principalmente dos setores agrícola e pecuária. Porém no Eixo 5 “Competitividade econômica e diversificação produtiva” são colocadas duas principais limitações dessa competitividade, primeiro diz respeito às dificuldades na circulação da produção ao mercado consumidor (logística), o segundo refere-se a economia estar excessivamente centrada na produção de bens primários, com baixa agregação de valor, destinados à exportação. Neste viés, a questão econômica ganha centralidade no plano MT+20, a partir da qual se pretende reconfigurar as relações de produção, espaço, a centralidade: “O desenvolvimento do estado passa pelo aumento da competitividade, com ênfase na melhoria da infraestrutura, diversificação produtiva e adensamento das cadeias produtivas no estado” (SEPLAN, 2012a, Macro Objetivos, p. 51).

O eixo 5 “Competitividade econômica e diversificação produtiva” - foi elaborado com as seguintes linhas estruturantes: 1) necessidade de ampliação e melhoria da infraestrutura e da logística; 2) necessidade de fortalecimento da agricultura familiar (diversificação da produção), frente a instabilidade da economia estadual ao mercado externo (*commodities*); 3) Busca pela diversificação da estrutura produtiva da economia, nesse caso, há intenção de estimular a industrialização de matérias-primas vegetal e mineral e ampliar as atividades industriais no estado; 4) intenção de regularização fundiária, para facilitação ao crédito para produção (MATO GROSSO, 2012a, Macro-Objetivos, p. 79 a 82). Todos estes objetivos buscam o aumento produtivo e o desenvolvimento tecnológico para os demais conjuntos de “atividades econômicas” (MATO GROSSO, 2012d, p. 86).

A busca pelo desenvolvimento tecnológico produz novas relações socioespaciais, tanto no campo, quanto na cidade. Várzea Grande, conurbada à Cuiabá, se coloca como estratégico para localização de polos educacionais, de ensino e pesquisa, voltados ao desenvolvimento econômico do estado de Mato Grosso. Porém, reestruturando os centros e as centralidades urbanas, produzindo novas relações sociais, cada vez mais prezando o valor de troca e diminuindo o valor de uso social do centro e da centralidade.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reestruturação produtiva de Mato Grosso foi se estabelecendo ao longo do tempo e do espaço, primeiramente, as atividades de mineração trouxeram novas relação com a natureza, como recurso a ser explorado para obtenção de lucro, ampliando as trocas comerciais por meio da intercomunicação com outras regiões do

país. Tais relações eram permeadas de conflitos sociais com os que já ocupavam as terras mato-grossenses com outra lógica, tais como os indígenas, as comunidades tradicionais e pequenos produtores. Na fase de exploração mineral iniciou-se as ações do Estado incentivando a “abertura” da mata e instalação de núcleos urbanos, concomitantemente, como meio para subsistência, foi se desenvolvendo a agricultura e a pecuária.

Na segunda fase, identificamos a intensificação das ações do Estado para o crescimento econômico, apoiando grupos econômicos através de incentivos fiscais, por meio de criação de órgãos e fundos econômicos a fim de “integrar” as áreas interioranas com as regiões mais dinâmicas do País (região concentrada). Como produto da intencionalidade do Estado e da iniciativa privada, as atividades agrícolas e pecuárias foram se “consolidando” e espacializando nas grandes propriedades, se conformando a característica desigual de propriedade da terra. Ao mesmo tempo em que a produção econômica se espacializava, a mão de obra se especializava, a fim de acompanhar o processo de modernização. Nesse contexto, o contingente populacional em Mato Grosso aumentou rapidamente, concentrando-se principalmente nas cidades, numa relação de intensa interdependência campo-cidade.

No momento contemporâneo contata-se produção de centro e centralidades, tanto das cidades “novas” altamente ligadas às atividades do agronegócio, quanto, das cidades mais “antigas” que passaram por diversos ciclos produtivos e se reconfiguram dentro do processo atual de desenvolvimento técnico, científico e informacional. O processo de reestruturação urbana, tal como em curso em Várzea Grande, evidencia a busca de novas áreas de reprodução do capital, se materializando na produção de centros e centralidades. Este, cada vez mais ligado às dinâmicas nacionais e globais tem o conteúdo urbano (urbanidade) alterado pela necessidade do modo capitalista de produção como lugar de convergência de informações e de funções necessárias ao desenvolvimento econômico.

As ações do Estado se realizaram em seu objetivo principal: abertura de novas áreas para reprodução do capital, produzindo infraestrutura, cidades, modernização do campo, a fim de manter a dinâmica entre produção-circulação-consumo, atingindo o “desenvolvimento econômico”. Pode se dizer que o crescimento econômico de estado de Mato Grosso é grande e contribui significativamente para a economia brasileira, entretanto, o desafio para as políticas de planejamento do Estado é a inserção do desenvolvimento social a fim de diminuir as desigualdades e a precariedade da vida dos menos favorecidos economicamente.

A superação das desigualdades sociais nos leva a reflexão filosófica sobre as possibilidades de apropriação social do desenvolvimento técnico, científico informacional, a fim de contribuir ao acesso e uso igualitário dos bens produzidos. Evidentemente que isso passa pelo questionamento das estruturas mantenedoras das relações sociais e pela intenção coletiva de realização humana plena, que em muitos casos as ações estatais não abarcam em sua totalidade, pois que a sociedade não é

estática, mas está em constante processo de mudanças, em constante movimento.

REFERÊNCIAS

COSTA, Wanderley Messias. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo, Edusp/Contexto, 2000.

ELIAS Denise; PEQUENO Renato. **Economia Política da Urbanização do Ceará**. Projeto aprovado na Chamada Universal – MCTI/CNPq N ° 14/2012.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. Tradução de Magda Lopes [1ª ed.] São Paulo: Boitempo, 2013.

LACERDA, J. 2012. **Vila Bela da Santíssima Trindade: berço da História**. Fonte: <<http://mt.gov.br/opinio/vila-bela-da-santissima-trindade-berco-da-historia/74246>> Acesso, julho, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte, BH. UFMG, 2008.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro II**, 8ª ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

MARX, Karl; Friedrich ENGELS. **Manifesto comunista**. Edição Ridendo Castigat Moraes. Fonte digital RocketEdition, 1999. Disponível em: www.jahr.org. Acesso: abril de 2016.

MATO GROSSO. **Plano de Longo Prazo de Mato Grosso: Cenários alternativos de Mato Grosso, 2011 – 2031**. Volume III. Cuiabá, MT, 2012 d.

MATO GROSSO. **Plano de Longo Prazo de Mato Grosso: Estudo retrospectivo**. Volume I. Cuiabá, MT, 2012 b.

MATO GROSSO. **Plano de Longo Prazo de Mato Grosso: Macro-objetivos, metas globais, eixos estratégicos, estratégias e linhas estruturantes**. Cuiabá, MT: Central de Texto, 2012 a.

MATO GROSSO. **Plano de Longo Prazo de Mato Grosso: Relatório da pesquisa qualitativa**, Volume II. Cuiabá, MT, 2012 c.

MATO GROSSO. **Plano de Longo Prazo de Mato Grosso: Versão técnica**. Cuiabá, MT [SD].

MOREIRA, Ruy. **A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro**. In: MOREIRA, Ruy. **Formação Espacial Brasileira: uma contribuição crítica à Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro, Consequência, 2012.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Reestruturação urbana e novos territórios em Cuiabá**. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). **Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses**. Cuiabá – MT EdUFMT, 2009.

SILVA, Lígia Osório. **Terras devolutas e latifúndio**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, 2ª edição.

SILVA, Rosinaldo Barbosa. **Participação Social Institucionalizada e a re-produção do Espaço urbano da cidade de Várzea Grande – MT**. Dissertação (Mestrado), UFMT, 2015.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. **Metropolização Regional: Formação e consolidação da rede urbana do estado de Mato Grosso**. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-78-9

